

ENTREVISTA: Reestruturação da dívida é uma ideia "má" e "perigosa" – Teodora Cardoso (C/ÁUDIO, VÍDEO e FOTOS)

06-02-2014

Fonte: LUSA

Temas: Economia, Negócios e Finanças - orçamento - Economia (geral) - Orçamento do Estado e impostos

*** Serviço áudio e vídeo disponível em www.lusa.pt ***

Lisboa, 06 fev (Lusa) – A presidente do Conselho de Finanças Públicas considera uma eventual reestruturação da dívida pública portuguesa uma ideia má e perigosa e diz que não é verdade que os atuais níveis da dívida a tornem impagável.

A ideia de uma reestruturação da dívida "não só é má como é perigosa", diz a economista em entrevista à Lusa, apontando várias razões.

"Desde logo íamos perder o esforço que fizemos", salienta. "Depois de termos feito o esforço que fizemos e depois de termos conseguido reduzir o nível das taxas de juro, irmos avançar nesse sentido era péssimo, voltavam a subir as taxas de juro e o prémio de risco do país e íamos ter outro problema com os bancos, porque os nossos bancos no início praticamente não tinham dívida pública, mas agora têm, portanto iam sofrer aí uma pancada muito forte que ia exigir outra vez financiamento do Estado porque não iam conseguir financiar-se no mercado", refere Teodora Cardoso.

"Íamos arranjar uma série de problemas e em nome de quê? Para que é que isso servia?", questiona, lembrando que se Portugal quisesse depois de uma reestruturação "manter algum acesso aos mercados e a economia estabilizada", teria "de fazer um programa ainda mais forte do que temos de fazer a partir da situação atual". E se a ideia fosse depois de ter mais dívida voltar a reestruturar, "caíamos na Argentina ou numa coisa parecida".

"Isso é uma ideia que não só é má como é perigosa", conclui.

Teodora Cardoso admite que a hipótese reestruturação até poderia ser discutível logo no início dos programas e sobretudo para o programa da Grécia: "aí penso que houve um erro claro, devia-se ter reestruturado a dívida da Grécia porque era evidente que a Grécia não ia ser capaz de pagar aquela dívida".

E Portugal pode?

"Não sou de dramatizar demasiadamente a questão de que temos um rácio de dívida pública de 127%" e que a esse nível "isto não se pode pagar. Não é verdade".

Para a economista há exemplos, como o caso da Bélgica, que o demonstram.

"Em meados da década de 90 a Bélgica tinha um rácio de dívida pública que chegou a 134% do PIB e a seguir entrou

na moeda única com um compromisso de gradualmente ir reduzindo essa dívida. E fê-lo".

Depois, a Bélgica também foi atingida pela crise e a dívida voltou a subir "e está neste momento nos 100%, mas começa de novo a descer". Ou seja, conclui Teodora Cardoso, "isto significa que se o país se gerir de facto" e der confiança "de que gere as coisas no bom sentido a prazo", tal como a Bélgica, nunca perde a confiança dos mercados. "Nunca ninguém falou em reestruturar a dívida da Bélgica", salienta.

"É preciso perceber que a dívida é uma coisa que não pode crescer indefinidamente e sobretudo dar a ideia de que em tempos bons subimos porque é aborrecido tomar medidas restritivas quando tudo está a correr bem. Em tempos maus voltamos a subir porque os tempos são maus e é preciso estimular. Assim não dá".

VC // ATR

Lusa/Fim